

Conceição Evaristo e Jarid Arraes: escritas de resistência

Conceição Evaristo and Jarid Arraes: writings of resistance

Sandra Alves da Silva

Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes)

alves.sandra84@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0009-0000-0894-4311>

Osmar Pereira Oliva

Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes)

osmar.oliva@unimontes.br

<https://orcid.org/0000-0002-3933-5962>

RESUMO

A história da emancipação política, social e cultural das mulheres é ainda muito recente e sua produção literária deve ser pesquisada e divulgada, já que muitas delas ficaram à margem do cânone literário brasileiro. A literatura escrita por mulheres, principalmente as negras, merece atenção constante dos pesquisadores, pois revela aos leitores uma maneira diferenciada de as mulheres atuarem no mundo e perceberem a realidade social que as envolve. Este trabalho tem por objetivo, portanto, discutir essas questões sob o ponto de vista feminino e analisar a ficção como forma de resistência das mulheres. Para tanto, utilizou-se o método bibliográfico, dedutivo e analítico, com base nos estudos sociológicos e de gênero, a partir de Djamila Ribeiro, Bell Hooks, Angela Davis e Sueli Carneiro.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; Jarid Arraes; escrita feminina; escritoras negras; literatura de resistência.

ABSTRACT

The history of women's political, social, and cultural emancipation is still very recent, and their literary production needs to be researched and disseminated, as many have been marginalized within the Brazilian literary canon. Literature by women, especially Black women, warrants continuous attention from researchers, as it reveals distinctive ways women engage with the world and perceive the social realities surrounding them. This study aims to address these issues from a feminine perspective and analyze fiction as a form of women's resistance. To achieve this, a bibliographical, deductive, and analytical method was employed, grounded in sociological and gender studies, drawing on the works of Djamila Ribeiro, Bell Hooks, Angela Davis, and Sueli Carneiro.

Keywords: Conceição Evaristo; Jarid Arraes; Female Writing; Black Women Writers; Resistance Literature.

INTRODUÇÃO

A emancipação das mulheres negras tem sido um tema central nas discussões sobre justiça social, equidade e representatividade nos últimos séculos. A literatura, enquanto um poderoso meio de expressão cultural e social, tem desempenhado um papel crucial na denúncia das opressões vivenciadas por essas mulheres, bem como na articulação de novas formas de resistência e emancipação. No entanto, a inserção e a valorização das mulheres negras na literatura não foram imediatas nem isentas de desafios.

Este trabalho visa analisar como a literatura tem sido utilizada como ferramenta de emancipação para as mulheres negras, focando em dois aspectos principais: a representação dessas mulheres nas obras literárias e a sua atuação por meio de narrativas que subvertem as estruturas racistas e patriarcais, buscando responder ao questionamento: como essas obras articulam interseccionalidade, escrevivência e poética do cordel para operar como literatura de resistência? A escolha do tema se justifica pela necessidade de visibilizar a experiência de mulheres negras, frequentemente marginalizadas, tanto nas discussões sobre raça quanto nas questões de gênero.

A contextualização das mulheres negras na sociedade brasileira está profundamente enraizada nas heranças coloniais e escravocratas. Desde o período colonial, foram relegadas a posições subalternas, desempenhando papéis associados à servidão, tanto nas casas grandes quanto nas plantações. Além disso, sofriam duplamente: pela condição de raça e pelo gênero, sendo vistas, muitas vezes, como "mães-preta" ou como objetos de exploração sexual. No pós-abolição, a marginalização continuou, reforçada pelo racismo estrutural¹ que as colocava à margem da educação, trabalho formal e direitos civis.

Na literatura, o silenciamento das mulheres negras perdurou até o século XX, quando autoras como Carolina Maria de Jesus romperam com os estereótipos impostos por narrativas masculinas e passaram a escrever a partir de suas próprias vivências,

¹ Racismo estrutural refere-se à forma sistêmica e institucionalizada pela qual práticas, normas e estruturas sociais mantêm e reproduzem desigualdades raciais. Diferente de atos isolados de discriminação, o racismo estrutural opera de maneira difusa e persistente, naturalizando a exclusão de grupos racializados — como a população negra — do acesso equitativo à educação, ao trabalho, à saúde e a outros direitos fundamentais.

transformando a literatura em um espaço de resistência, denúncia e afirmação de subjetividade.

A literatura de autoria feminina negra emerge como um campo de resistência que permite, simultaneamente, a reconstrução da identidade e um outro olhar sobre o passado e sobre os processos sociais e históricos narrativos. Este estudo se concentra em obras publicadas entre 2000 e 2020, período marcado pelo fortalecimento de movimentos sociais negros, pelo aumento da visibilidade de autoras negras na cena literária e pelo avanço das discussões interseccionais. O recorte não pretende esgotar o tema, mas focalizar uma produção recente que dialoga diretamente com os debates contemporâneos sobre raça, gênero e literatura. Este estudo buscará, portanto, discutir a participação de Conceição Evaristo e de Jarid Arraes nesse período de revisão do cânone literário e da emergência de novas vozes na literatura brasileira e suas contribuições para o processo de emancipação de mulheres negras, conectando essas produções às lutas políticas e sociais travadas por esses grupos ao longo da história.

Autoras como Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Djamila Ribeiro trazem para a literatura narrativas que refletem as experiências de vida de mulheres negras, abordando temas como racismo, violência, pobreza e resistência. Essas obras não apenas diversificam o panorama literário, mas também contribuem para o processo de emancipação das mulheres negras, ao visibilizar suas realidades e reivindicar seus direitos. Patricia Hill Collins (2016) discute a perspectiva das mulheres negras como *outsiders within*, que se encontram em um espaço de liminaridade em relação à sociedade. Essa ideia se aplica diretamente às autoras brasileiras contemporâneas, que escrevem a partir de suas experiências marginalizadas. A obra de Carolina Maria de Jesus, por exemplo, exemplifica essa posição, pois suas palavras expõem as contradições da sociedade brasileira e oferecem um testemunho de resistência e luta.

Roland Walter (2005) discute como a literatura comparada pode ser um meio de explorar e compreender a diversidade cultural, as diferenças e as fronteiras que moldam identidades. Walter argumenta que a literatura é um espaço onde se cruzam experiências e narrativas de diferentes culturas, e isso é particularmente relevante ao se analisar a obra de mulheres negras na literatura brasileira.

Walter (2005) sugere que a literatura comparada permite um olhar atento às interseções entre culturas, desafiando as fronteiras que delimitam o que é considerado "literário". A obra de autoras como Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo exemplifica como a literatura brasileira pode se enriquecer com a inclusão de vozes

diversas. Ao trazer à tona as experiências de vida de mulheres negras, essas autoras questionam não apenas o cânone literário, mas também as narrativas dominantes que frequentemente ignoram a complexidade das identidades culturais no Brasil. A escrita de Carolina em *Quarto de Despejo* é uma manifestação direta desse processo. A obra desafia as fronteiras do que é considerado literatura, ao introduzir uma perspectiva única que revela as vivências de um grupo historicamente marginalizado.

No contexto das lutas políticas e sociais, Walter (2005) aponta que a literatura tem o poder de ser um meio de resistência. As autoras contemporâneas se posicionam como agentes de mudança, utilizando suas narrativas para reivindicar direitos e visibilidade. As obras que emergem nesse novo cenário literário não apenas documentam as dificuldades enfrentadas por mulheres negras, mas também servem como atos de afirmação e resistência.

Conceição Evaristo, em suas poesias e contos, aborda questões de violência, identidade e ancestralidade, estabelecendo um diálogo com as tradições africanas e afro-brasileiras, e ao mesmo tempo, refletindo sobre as realidades contemporâneas. Essa intersecção entre passado e presente é fundamental para a construção de uma identidade forte e resiliente, que se contrapõe às narrativas que buscam silenciar essas vozes.

Sandra Regina Goulart Almeida (2008) discute a figura da escritora contemporânea em um mundo globalizado, onde as narrativas cosmopolitas são cada vez mais relevantes. Almeida argumenta que as autoras contemporâneas, incluindo aquelas da literatura brasileira, estão em constante diálogo com as diversidades culturais e as especificidades locais, criando um espaço literário que reflete as complexidades das identidades modernas. Essa intersecção entre o local e o global é crucial para entender como as novas vozes na literatura brasileira contribuem para a construção de uma identidade que não se limita a uma única narrativa, mas que dialoga com múltiplas realidades.

Almeida (2008) enfatiza que as autoras contemporâneas não apenas refletem suas culturas locais, mas também se engajam com questões globais. Assim, a literatura se torna um espaço de resistência, onde as autoras podem reivindicar suas histórias e lutar contra a marginalização. Essa luta é evidente na obra de Evaristo, que aborda a experiência negra de forma a conectar passado e presente, desafiando as narrativas hegemônicas. A escrita se torna uma forma de ativismo, onde cada palavra serve como um ato de afirmação da identidade e da experiência das mulheres negras.

Almeida (2019) aborda as dificuldades e os desafios enfrentados por mulheres que escrevem em um mundo que muitas vezes marginaliza suas vozes. A autora destaca a importância da escrita como um ato de resistência, especialmente para mulheres negras, cujas histórias têm sido frequentemente silenciadas ou distorcidas. Argumenta que a escrita é uma forma poderosa de resistência e afirmação de identidade.

Almeida (2019) ressalta os desafios que as mulheres enfrentam ao buscar um espaço na literatura, incluindo o preconceito, a invisibilidade e a desvalorização de suas experiências. No entanto, a emergência de novas vozes, particularmente de mulheres negras, representa uma ruptura com o passado. As autoras contemporâneas estão reescrevendo a história literária, trazendo à tona experiências que foram historicamente marginalizadas. A luta dessas autoras não se limita ao campo literário; ela está profundamente enraizada em um contexto mais amplo de resistência política. Ao contar suas histórias, elas desafiam as estruturas sociais que perpetuam a desigualdade e a opressão, contribuindo para uma transformação social significativa.

A INTERSECÇÃO DE RAÇA E GÊNERO NA LITERATURA

As autoras negras desempenham um papel fundamental na construção de uma literatura de resistência e emancipação, utilizando suas narrativas para confrontar as estruturas opressivas que as marginalizam. Suas obras, muitas vezes inspiradas em experiências de vida reais, desafiam estereótipos racistas e sexistas, ao mesmo tempo que reivindicam o lugar da mulher negra como protagonista de sua própria história. Escritoras como Carolina Maria de Jesus² transformaram suas vivências em favela e pobreza em um testemunho poderoso sobre as desigualdades sociais no Brasil, denunciando o racismo estrutural e a exclusão social³. Da mesma forma, Conceição Evaristo, através de seu

² Carolina Maria de Jesus (1914-1977) oferece uma visão cruamente sincera das dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras e pobres no Brasil, abordando temas como fome, desigualdade social e o papel da mulher na sociedade. Sua escrita não apenas denuncia as injustiças sociais, mas também revela a força e a resistência das mulheres em situações adversas. É uma figura fundamental na literatura brasileira, sendo uma das primeiras autoras a dar voz à realidade das favelas e a contribuir para a visibilidade das experiências das mulheres negras, consolidando-se como um símbolo de luta e resiliência.

³ Exclusão social refere-se ao processo pelo qual determinados indivíduos ou grupos são sistematicamente impedidos de acessar recursos, serviços, oportunidades e direitos básicos — como educação, saúde, moradia e trabalho — em função de desigualdades econômicas, sociais, culturais e raciais. Essa exclusão compromete a plena participação desses sujeitos na vida social e política, reforçando ciclos de marginalização e vulnerabilidade.

conceito de “escrevivência”⁴, oferece uma nova perspectiva sobre a escrita, onde a palavra torna-se não apenas uma forma de expressão, mas um ato de resistência contra as tentativas históricas de silenciamento da mulher negra.

A análise das opressões vivenciadas pelas mulheres negras requer um olhar interseccional, como definido pela teórica Kimberlé Crenshaw no artigo *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics* (1989) em que apresenta a teoria da interseccionalidade, que se tornou fundamental nos estudos feministas e nos debates sobre justiça social. Crenshaw (1989) critica como as doutrinas antidiscriminatórias, a teoria feminista e as políticas antirracistas tendem a tratar raça e gênero como categorias separadas e mutuamente excludentes o que leva à marginalização das experiências das mulheres negras. Ela argumenta que essas mulheres enfrentam opressões simultâneas que não são capturadas adequadamente por abordagens que consideram apenas raça ou apenas gênero. Crenshaw (1989) analisa casos legais para demonstrar como as mulheres negras são prejudicadas quando as leis e teorias não levam em conta as intersecções entre essas categorias, destacando que, para entender e combater efetivamente as injustiças, é essencial considerar como esses fatores se cruzam e se influenciam mutuamente.

Crença introduziu o termo “interseccionalidade” para descrever a maneira como diferentes formas de discriminação — como racismo, sexismo, classismo — se sobrepõem e criam uma experiência única de opressão (Crenshaw, 1989). Essa abordagem permite compreender como a posição de subalternidade das mulheres negras na sociedade influencia diretamente sua presença e representação na literatura.

A teoria da interseccionalidade desenvolvida por Kimberlé Crenshaw é essencial para a compreensão das opressões múltiplas que as mulheres negras enfrentam. Crenshaw afirma que “a interseccionalidade pretende resgatar o impacto das intersecções de raça e gênero para mulheres de cor” (Crenshaw, 1989, p. 140). Essa perspectiva é importante na literatura, pois permite que se reconheça como a experiência das mulheres negras é muitas vezes negligenciada em análises que tratam raça e gênero de maneira isolada.

⁴ A “escrevivência” pode ser entendida como uma forma de escrita que surge da experiência direta e da realidade vivida, refletindo não apenas as lutas e os desafios enfrentados, mas também a força, a resistência e a identidade de quem escreve.

No livro *Ain't I a Woman: Black Women and Feminism* (1981), Bell Hooks examina a interseção entre racismo e sexismo, explorando como as experiências das mulheres negras foram historicamente marginalizadas tanto pelos movimentos feministas quanto pelos movimentos de direitos civis. O título do livro faz referência ao famoso discurso de Sojourner Truth⁵, que questiona a exclusão das mulheres negras nas lutas por igualdade. hooks analisa a escravidão nos Estados Unidos e seus impactos duradouros sobre as mulheres negras, destacando como as opressões de gênero e raça foram entrelaçadas, moldando suas experiências de maneiras únicas. hooks também critica o feminismo branco por muitas vezes ignorar ou não abordar adequadamente as questões enfrentadas pelas mulheres negras, apontando que a libertação feminina precisa ser inclusiva para ser efetiva.

Ao longo do livro, Bell Hooks enfatiza a importância de um feminismo interseccional, que reconheça as complexas opressões enfrentadas pelas mulheres negras e que trabalhe para a libertação de todas as mulheres, especialmente as que estão nas margens sociais. Ela propõe uma visão de feminismo que seja radical, transformador e verdadeiramente inclusivo, englobando questões de raça, classe e gênero.

Considerada uma das vozes mais influentes no feminismo negro, afirma que a literatura se configura como um espaço de contestação e subversão dos estereótipos que historicamente silenciaram as mulheres negras (hooks, 1981). Para hooks, a escrita é uma forma de resistência ao “patriarcado racista-capitalista”, que marginaliza e invisibiliza as experiências das mulheres negras a partir de uma interseção de racismo e sexismo que historicamente as coloca em uma posição de marginalização tanto nos movimentos feministas quanto nos movimentos antirracistas. Ela argumenta que o feminismo tradicional, que é amplamente dominado por mulheres brancas de classe média, muitas vezes não leva em conta as experiências específicas das mulheres negras, concentrando-se principalmente nas questões enfrentadas por mulheres brancas e deixando de lado as

⁵ Sojourner Truth, uma mulher negra que havia nascido escravizada e se tornou uma ativista abolicionista e feminista, fez um discurso poderoso que desafiava as ideias racistas e sexistas da época. Esse discurso conhecido como *Ain't I a Woman?* (Não sou eu uma mulher?) foi proferido em 1851 na Convenção dos Direitos das Mulheres de Ohio, realizada em Akron, nos Estados Unidos. Nele, ela argumentou sobre a desigualdade enfrentada pelas mulheres negras em comparação às mulheres brancas e sobre a falta de reconhecimento de sua humanidade e feminilidade. Questionou os padrões da sociedade que valorizavam as mulheres brancas, mas negavam os mesmos direitos e cuidados às mulheres negras. A frase *Ain't I a Woman?* é um apelo retórico que enfatiza que, apesar de seu trabalho árduo e da opressão que enfrentou, ela também era uma mulher e merecia os mesmos direitos. O discurso é considerado um marco na luta pelos direitos das mulheres e pela abolição da escravidão nos Estados Unidos.

opressões adicionais causadas pelo racismo. Além disso, hooks aponta que os movimentos antirracistas muitas vezes se concentram nas experiências dos homens negros, excluindo as mulheres negras ou reduzindo-as ao papel de apoio. Esse foco limitado reforça a invisibilidade das mulheres negras, que se encontram em uma posição de “dupla marginalização” — excluídas tanto pelas lutas de gênero quanto pelas de raça.

Além disso, Bell Hooks argumenta que a literatura é um campo essencial de resistência para as mulheres negras. Segundo hooks, “a escrita das mulheres negras tem sido crucial não só para articular as experiências de opressão, mas também para resistir a essas formas de dominação” (hooks, 1981, p. 88). Nesse sentido, permite que essas mulheres articulem suas realidades de maneira ativa, transformando a escrita em um espaço de luta contra o patriarcado e o racismo.

Angela Davis, em seus escritos sobre a interseção de raça e gênero, no livro *Women, Race, & Class* (1982), também destaca a importância da emancipação intelectual, em que as mulheres negras, através da educação e da arte, podem reconquistar suas vozes e suas histórias (Davis, 1982). Essas ideias embasam a análise das representações literárias, nas quais a mulher negra emerge como protagonista de sua própria narrativa, rompendo com o papel de coadjuvante ou vítima. Davis também destaca a importância da emancipação intelectual como uma ferramenta de libertação. Em sua obra Davis afirma: “a educação é a chave para que as mulheres negras possam se libertar das opressões estruturais. Através da educação e do acesso ao conhecimento, a emancipação se torna mais concreta” (Davis, 1982, p. 221). No contexto da literatura, essa emancipação se reflete na capacidade das mulheres negras de contar suas próprias histórias, desafiando as narrativas dominantes.

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA

Na literatura brasileira, a presença da mulher negra como sujeito de suas próprias histórias ainda é um fenômeno relativamente recente. Autoras como Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo foram umas das pioneiras ao colocar suas experiências como matéria de suas produções literárias. Carolina Maria de Jesus, em seu livro *Quarto de Despejo*, transformou sua vivência de mulher negra, pobre e favelada em um testemunho contundente das desigualdades sociais no Brasil. Sua obra, apesar de amplamente

celebrada, revela também a dificuldade de se estabelecer como escritora negra em um país marcado pelo racismo estrutural como destaca Nascimento (2002).

A obra de Carolina Maria de Jesus é um marco na literatura afro-brasileira, não só por seu conteúdo, mas também pelo contexto em que foi produzido. Um contexto histórico e social marcado por profundas desigualdades no Brasil, especialmente nas décadas de 1950 e 1960. Durante esse período, o país vivia transformações significativas, incluindo a urbanização acelerada e o crescimento das favelas nas grandes cidades, como São Paulo. Em *Quarto de Despejo*, Carolina relata sua vida na favela e denuncia a exclusão social e racial que enfrentava. Em suas palavras: “Escrevo a realidade. A fome é realidade. Eu não invento” (Jesus, 1960, p. 43). Sua narrativa expõe as condições precárias e a marginalização das mulheres negras no Brasil, criando um espaço literário onde a experiência de exclusão é visível.

Silva (2018) afirma que o impacto de *Quarto de Despejo* transcende a mera narrativa autobiográfica e documental. O texto de Carolina Maria de Jesus é, ao mesmo tempo, um registro histórico das condições de vida da população periférica brasileira e uma obra literária que articula questões de raça, classe e gênero de maneira complexa. Ao registrar sua luta contra a fome, a exclusão e a violência, Carolina insere sua voz no espaço literário e político, desafiando as narrativas dominantes que marginalizam as mulheres negras e pobres. Ela transforma sua própria experiência em um testemunho que denuncia e revela as estruturas de poder e opressão que regem a sociedade brasileira.

Conceição Evaristo, em suas narrativas, explora as vivências de mulheres negras de maneira visceral, abordando temas como violência, exclusão e ancestralidade. Em seu conceito de “escrevivência”, Evaristo articula a ideia de que escrever é uma forma de resistir e sobreviver, especialmente para mulheres negras que, historicamente, tiveram suas vozes silenciadas (Evaristo, 2005). De acordo com Evaristo no livro *Becos da Memória* (2006) “escrevivência” é uma forma de escrita que carrega as vivências da mulher negra. Neste trabalho, Evaristo explora a identidade, a cultura e a vivência das mulheres negras, enfatizando a necessidade de uma literatura que desafie e questione as estruturas racistas da sociedade brasileira. Esse conceito subverte a noção tradicional de literatura e coloca a escrita como um ato de resistência.

Elisângela Oliveira Gomes (2017), em seu trabalho *A escrita de Conceição Evaristo como possibilidade de um novo olhar para o sujeito feminino negro*, concentrada na obra *Olhos d'água* (2014), explora como a autora coloca em destaque a mulher negra como protagonista de sua própria história e denuncia as violências sociais que a

atravessam. Realiza uma análise evidenciando os elementos de tragédia que perpassam as narrativas e como Evaristo utiliza a literatura como instrumento de resistência e voz para mulheres negras e marginalizadas.

Gomes (2017) discute subcidadania⁶ e as desigualdades sociais enfrentadas pelas mulheres negras; investiga como Conceição Evaristo incorpora elementos trágicos em sua obra para destacar a violência e opressão e analisa a linguagem, as metáforas e o uso de autoficção pela autora. Buscando reafirmar a importância da escrita de Conceição Evaristo para a crítica literária, mostrando como sua obra rompe com paradigmas sociais e oferece um novo olhar para o sujeito feminino negro.

Rosânia Alves Magalhães (2014), examina como Conceição Evaristo, constrói uma escrita que valoriza e resgata a memória e a identidade da mulher negra na literatura afro-brasileira. Magalhães (2014) explora como Evaristo se utiliza de elementos da cultura afro-brasileira, discutindo temas como memória, identidade, e resistência, para trazer à tona questões sociais e históricas que marcaram a experiência das mulheres negras no Brasil. Analisa a importância da representação do sujeito feminino negro, destacando as estratégias narrativas e poéticas que Conceição Evaristo emprega para dar voz a personagens marginalizadas.

Para tanto, Magalhães (2014) discute as bases teóricas da literatura afro-brasileira e a relevância de Evaristo nesse contexto; a mulher negra em *Ponciá Vicêncio*, analisando as representações identitárias e de gênero presentes no romance e aborda como Evaristo utiliza a memória coletiva e pessoal como elementos de resistência e resgate cultural.

Rafaela Kelsen Dias (2015), explora a obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* e a conceituação de “mulher” que Evaristo estabelece em seus contos. Dias (2015) investiga como Evaristo, ao incorporar diversos eixos de subalternidade (gênero, raça, classe e outros), constrói personagens femininas que refletem e resistem às múltiplas formas de opressão. O estudo se fundamenta em teorias feministas contemporâneas e conceitos como “discursividade de gênero e raça” e “essencialismo estratégico” para analisar como Evaristo reconfigura a categoria “mulher” de maneira plural e multifacetada, criando um espaço de resistência e expressão para as mulheres negras.

⁶ Subcidadania é a condição imposta a determinados grupos sociais — especialmente negros, pobres e periféricos — que, embora formalmente reconhecidos como cidadãos, vivenciam cotidianamente a negação de direitos fundamentais e o acesso precarizado à justiça, educação, saúde e segurança. Trata-se de uma cidadania incompleta, marcada por exclusões sistemáticas e pela naturalização da desigualdade.

O artigo *O Abandono do Mito da Mãe Preta nas Obras de Conceição Evaristo* (2020), de Michelly Cristina Lopes, discute a desconstrução do estereótipo da “mãe preta” nas obras da autora. O mito da mãe preta é uma figura que foi amplamente romantizada na literatura e no imaginário social brasileiro como a ama-de-leite, um símbolo de dedicação e subserviência. Conceição Evaristo, por meio de suas escritas, busca desconstruir essa representação simplista e revelar a complexidade e a resistência dessas figuras maternas negras, que são, na realidade, marcadas por dor, luta e resiliência. Lopes (2020) destaca como Evaristo reformula a narrativa para não só evidenciar o sofrimento e as limitações impostas às mulheres negras, mas também para dar voz a suas experiências e histórias de forma autônoma, desafiando as construções racistas e patriarcais que sustentam o mito da mãe preta.

Conforme discutido na introdução, a invisibilidade histórica dá lugar, a partir do século XX, à emergência de vozes femininas negras quando essas mulheres começaram a assumir o papel de autoras, vimos uma escrita que questionava esses papéis restritos. Escritoras como Virginia Woolf, começaram a expor os dilemas internos e os desejos reprimidos de suas personagens, apresentando uma perspectiva intimista e reveladora das tensões e frustrações vividas pelas mulheres.

Com o advento do movimento feminista no século XX, as mulheres passaram a reivindicar a centralidade de suas narrativas. Surgem textos que questionam diretamente as normas de gênero e o patriarcado. Além das obras teóricas, mulheres escritoras começaram a explorar suas próprias vidas e experiências como formas de resistência e expressão. As autobiografias e memórias tornaram-se formas potentes de narrativa, onde as mulheres passaram a falar de si mesmas em seus próprios termos. Esse movimento marcou uma transição significativa: as mulheres deixaram de ser objetos para se tornarem sujeitos de suas histórias.

Um dos aspectos mais transformadores das representações feitas por mulheres é o surgimento das vozes negras femininas e de outras minorias, que trazem para o centro da discussão questões que haviam sido historicamente silenciadas. Essas mulheres não apenas falam de si mesmas, mas também falam por outras que compartilham das mesmas condições de marginalização. Conforme afirma Arruda (2007) “ao dar ao personagem negro o direito à fala, esses autores o tornam porta-voz das narrativas ao mesmo tempo em que também eles, escritores, são sujeitos literários de um processo histórico que transcende a diáspora africana” (Arruda, 2007, p. 14). As narrativas são um espaço para expor as dores, as resistências e as formas de resiliência que surgem dessas experiências.

Atualmente, as mulheres estão explorando uma ampla gama de temas em suas narrativas, que incluem não apenas as lutas sociais e políticas, mas também a sexualidade, a maternidade, as relações afetivas e as questões identitárias de forma mais aberta e complexa. Autoras contemporâneas, como Jarid Arraes, discutem questões ligadas à autoafirmação, ao empoderamento e à reconexão com as raízes culturais e históricas. Elas falam de temas antes considerados tabus, como os efeitos da colonização, a diáspora, a sexualidade feminina, e exploram, com nuances, a multiplicidade de identidades que compõem o ser mulher em diferentes contextos. Essas mulheres falam de si mesmas com um senso de autonomia que desafia os padrões tradicionais de representação. Reclamam o direito de falar sobre os próprios corpos, de expor suas vulnerabilidades e de celebrar suas conquistas e resistências. As vozes são múltiplas, e as narrativas incluem uma diversidade de experiências: mulheres negras, indígenas, LGBTQIA+, e outras que, por muito tempo, não encontraram espaço nas representações dominantes. O foco mudou para uma visão mais autêntica e diversificada das mulheres. Falam de suas alegrias e dores, de suas vitórias e derrotas, e constroem representações que são ao mesmo tempo pessoais e universais, mostrando que as narrativas femininas são plurais, complexas e imprescindíveis para a compreensão de nossa sociedade e de nós mesmos.

EMANCIPAÇÃO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

A nova geração de escritoras negras, como Jarid Arraes e Djamila Ribeiro, tem expandido as fronteiras da literatura afro-brasileira, utilizando novas mídias e gêneros como o cordel para articular suas narrativas. Jarid Arraes, por exemplo, resgata a tradição da literatura de cordel e a transforma em uma ferramenta de denúncia social e empoderamento, ao narrar histórias de mulheres negras e indígenas que lutaram contra a opressão (Arraes, 2017).

Jarid Arraes é uma escritora, poeta e ativista brasileira nascida em 1991, em Juazeiro do Norte na região do Cariri (CE). Conhecida por sua contribuição à literatura contemporânea, especialmente no que diz respeito à representação da juventude negra e da cultura marginalizada. Arraes é também uma das vozes proeminentes da literatura de cordel no Brasil, reimaginando essa forma tradicional com temas modernos e questões sociais relevantes. Cresceu em um ambiente onde a literatura e a oralidade eram valorizadas, influenciada pela cultura popular e pela herança familiar. Desde jovem,

desenvolveu o gosto pela escrita e pela leitura, o que a levou a publicar seus primeiros trabalhos em blogs e plataformas digitais. Tem se destacado não apenas como autora, mas também como ativista, defendendo questões ligadas à negritude, à diversidade e aos direitos das mulheres. Ela participa ativamente de eventos literários, rodas de conversa e movimentos culturais que buscam promover a inclusão e a representatividade.

Jarid Arraes é autora de diversos livros, sendo *As Lendas de Dandara* (2015), *Um Buraco com Meu Nome* (2017) e *Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis* (2017) algumas de suas obras mais conhecidas. Seu estilo é marcado pela combinação de cordel com a prosa contemporânea, abordando questões de identidade, resistência e a vivência da juventude negra. A autora utiliza sua escrita como uma forma de empoderamento, tanto para si mesma quanto para suas leitoras, promovendo uma reflexão sobre as vivências de mulheres e a diversidade étnica no Brasil. Em seus trabalhos, Arraes destaca a importância da ancestralidade e da cultura popular, buscando dar voz a personagens que muitas vezes são silenciados nas narrativas tradicionais. Sua obra é uma celebração da cultura negra e uma crítica à marginalização social, fazendo dela uma das vozes mais relevantes da literatura contemporânea no Brasil.

Jarid Arraes representa uma nova geração de escritores que buscam reescrever a história a partir de suas experiências e perspectivas. Sua escrita não apenas entretém, mas também educa e inspira, fazendo com que suas obras ressoem fortemente com questões contemporâneas de identidade, raça e gênero.

Arraes tem utilizado a literatura como ferramenta para recontar histórias e resgatar vozes silenciadas pela história oficial. No livro *Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis*, Arraes afirma: “quis resgatar essas mulheres para mostrar que sempre existimos, que sempre lutamos e resistimos, apesar de tentarem nos apagar” (Arraes, 2017, p. 12). A obra de Arraes se baseia na tradição oral do cordel, combinando resistência cultural com uma nova forma de emancipação literária. Nos últimos anos, a literatura de cordel tem sido ressignificada por autores e autoras que a utilizam como instrumento de luta contra as opressões sociais, de raça e de gênero.

Ao colocar o cordel a serviço de causas sociais, os autores contemporâneos expandem sua função para além do entretenimento ou da transmissão oral de histórias folclóricas. Ele se torna um meio de conscientização e educação popular, que articula narrativas de luta e resiliência. Dessa forma, a literatura de cordel, com sua simplicidade e alcance, se consolida como uma poderosa ferramenta de emancipação, reforçando a

resistência cultural de comunidades historicamente marginalizadas e promovendo a inclusão de suas histórias e vozes no panorama literário brasileiro.

Djamila Ribeiro em seus ensaios, destaca a importância do lugar de fala na construção de uma narrativa emancipatória. Ribeiro é uma filósofa, escritora e ativista brasileira, amplamente reconhecida por suas contribuições ao feminismo negro e aos direitos humanos. Nascida em Santos (SP) em 1980, Ribeiro se formou em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) e tem se destacado por sua atuação no combate ao racismo e pela promoção da equidade de gênero. É uma voz importante na luta por justiça social e racial, sendo uma das líderes do movimento feminista negro no Brasil. Ela argumenta que "para mudar a estrutura opressiva da sociedade, é fundamental que mulheres negras ocupem os espaços de fala, inclusive na literatura, para que possamos construir novos imaginários" (Ribeiro, 2017, p. 25).

Djamila Ribeiro é autora de obras significativas, como *O que é racismo?* (2019), que faz parte da coleção *Primeiros Passos* e busca desmistificar o conceito de racismo e suas manifestações na sociedade. Em seu livro *Quem tem medo do feminismo negro?* (2018), Ribeiro discute a interseccionalidade entre raça e gênero, destacando como essas questões se entrelaçam e afetam as vidas das mulheres negras. Além de sua produção literária, Ribeiro é uma influente colunista e conferencista, frequentemente abordando temas relacionados à desigualdade social, à luta antirracista e ao feminismo. Sua presença nas redes sociais também contribui para a disseminação de suas ideias, alcançando um público amplo e engajado.

Djamila Ribeiro tem atuado também como consultora em políticas públicas, colaborando em iniciativas que buscam promover a inclusão e a diversidade. Ela foi coordenadora de Políticas para Mulheres da Secretaria de Justiça e Cidadania do Estado de São Paulo e tem se envolvido em diversas organizações e movimentos sociais que lutam contra a opressão e a desigualdade. Seu trabalho tem sido fundamental para trazer à tona as vozes de mulheres negras e marginalizadas, criando um espaço de diálogo e reflexão sobre as questões raciais e de gênero no Brasil. Ribeiro é frequentemente convidada para palestras e debates, onde compartilha suas experiências e perspectivas, inspirando novas gerações de ativistas e pensadores.

A atuação de Ribeiro é marcada por um compromisso profundo com a justiça social e a promoção da igualdade. Sua escrita e ativismo são essenciais para entender as complexas relações entre raça, gênero e classe no Brasil contemporâneo. Ribeiro, utiliza seus ensaios para abordar questões sobre racismo, machismo e a necessidade de uma

literatura mais inclusiva. Argumenta que a literatura é uma das formas mais eficazes de criar empatia e transformar as estruturas sociais opressivas (Ribeiro, 2017).

Ao discutirmos empoderamento, representatividade e visibilidade da mulher negra na literatura, podemos afirmar que o empoderamento, nesse contexto, refere-se ao processo pelo qual as mulheres negras conquistam o direito de contar suas próprias histórias, reivindicando suas vozes e perspectivas dentro de uma esfera literária que historicamente as ignorou ou retratou de forma estereotipada. Esse processo de empoderamento literário vai além da criação de obras escritas; ele envolve também o reconhecimento dessas autoras e de suas histórias como parte integrante da cultura e identidade nacional.

A representatividade é um aspecto crucial desse processo, pois a presença de mulheres negras na literatura permite que outras mulheres e meninas negras se vejam refletidas em personagens, histórias e contextos que antes eram inacessíveis ou limitados. Quando a mulher negra se vê retratada de maneira positiva e multifacetada na literatura, ela começa a perceber seu valor e potencial de transformação. Diversas autoras contemporâneas têm explorado essas questões em suas obras, oferecendo retratos que desafiam estereótipos e promovem a diversidade de experiências.

Conceição Evaristo em *Ponciá Vicencio*, apresenta a vida de uma mulher negra que busca sua identidade e autonomia. A protagonista enfrenta desafios relacionados à opressão de gênero e raça, mas sua jornada é marcada pela força e resiliência. Evaristo utiliza a narrativa para destacar a diversidade das experiências femininas, mostrando que a mulher negra não é monolítica, mas sim multifacetada e capaz de transformação. Jarid Arraes em *Um buraco com meu nome* narra a história de jovens mulheres negras que enfrentam questões de identidade e pertencimento. A autora apresenta personagens que lutam contra estigmas e expectativas sociais, revelando suas aspirações e desafios. A obra enfatiza a importância de ouvir as vozes dessas mulheres e reconhecê-las como protagonistas de suas histórias.

Djamila Ribeiro em *Quem tem medo do feminismo Negro?* discute a interseccionalidade das experiências das mulheres negras. Embora não seja uma obra de ficção, ela oferece uma análise crítica da representação das mulheres negras na sociedade e na literatura. Ribeiro argumenta que a visibilidade dessas vozes é crucial para o empoderamento e para a mudança social. Carolina Maria de Jesus no seu diário *Quarto de Despejo* retrata sua vida como mulher negra em uma comunidade marginalizada. Sua escrita é crua e sincera, mostrando as dificuldades que enfrenta, mas também sua

dignidade e determinação. A obra é um testemunho poderoso da luta e da resistência das mulheres negras. Toni Morrison, tem um impacto significativo na literatura brasileira e é frequentemente estudada por suas representações de mulheres negras. Em obras como *Amada*⁷ e *Sula*⁸ ela explora a complexidade das experiências de mulheres negras, oferecendo retratos ricos e profundos que desafiam a objetificação.

Essas autoras têm contribuído significativamente para a representação positiva das mulheres negras na literatura. Seus trabalhos não apenas oferecem visões multifacetadas dessas personagens, mas também incentivam a reflexão sobre questões sociais, culturais e políticas que afetam as mulheres negras. Ao promover narrativas que reconhecem e celebram a diversidade das experiências, ajudam a empoderar novas gerações de mulheres e meninas negras, mostrando-lhes que seus valores e potenciais são dignos de reconhecimento e celebração. Nessa perspectiva,

Se hoje a crítica feminista questiona o estatuto das configurações canônicas nacionais é porque entende que a matriz ideológica que informou seus processos de formação está intimamente imbricada com o funcionamento institucional e social de hegemonias, não só de gênero, mas também de raça e de classe social, as quais produziram relações desiguais na produção e distribuição de poder cultural, processos de subjetivação que implicaram no apagamento, às vezes de forma violenta, simbólica e literalmente, de outras identidades culturais, enfim, obliteração da diferença, do heterogêneo, da diversidade sob a universalidade (Schmidt, 2002, p. 37 e 38).

A representatividade literária oferece não apenas um espelho da realidade, mas também um espaço para projeção de futuros possíveis e a reconfiguração de identidades. Ao lado disso, a visibilidade dessas autoras e personagens rompe com o ciclo de invisibilidade que a mulher negra historicamente enfrentou. A literatura, portanto, funciona como um instrumento de visibilidade social, que desafia as estruturas de poder racistas e patriarcais ao posicionar a mulher negra no centro da narrativa.

A literatura oferece uma plataforma para que autores de grupos historicamente marginalizados, como mulheres negras, compartilhem suas experiências e narrativas. Por meio da narrativa, podem desafiar estereótipos e proporcionar uma compreensão mais complexa das suas realidades, contribuindo para a desnaturalização das desigualdades

⁷ Esta obra, publicada originalmente em 1987, é uma das mais conhecidas de Morrison, abordando a vida de uma mulher ex-escravizada que é assombrada pelo passado e pela memória de sua filha.

⁸ Publicado originalmente em 1973, *Sula* explora a amizade complexa entre duas mulheres e os desafios que enfrentam em uma sociedade marcada por preconceitos e expectativas sociais.

sociais. A literatura também permite que os leitores se coloquem no lugar do outro, experimentando diferentes perspectivas e realidades. Essa empatia é essencial para entender as complexidades das experiências humanas. Essa conexão pode incentivar uma maior conscientização e um desejo de mudança social. A literatura serve ainda como um meio de reflexão crítica sobre questões sociais. Obras que abordam injustiças, desigualdades e conflitos sociais podem incitar discussões e diálogos sobre temas controversos. Isso não apenas aumenta a visibilidade dos problemas, mas também mobiliza ações e movimentos sociais em busca de justiça.

Por meio da literatura, indivíduos podem encontrar representações de si mesmos, o que é vital para a formação da identidade. Quando as pessoas veem suas histórias e experiências refletidas na literatura, isso pode promover um senso de pertencimento e validação. Além disso, a literatura pode ajudar a construir comunidades ao redor de experiências compartilhadas, unindo pessoas com histórias semelhantes que buscam um espaço de acolhimento e compreensão.

Esse ciclo virtuoso entre empoderamento, representatividade e visibilidade contribui não apenas para a emancipação individual das mulheres negras, mas também para uma reconfiguração da sociedade, que passa a reconhecer a diversidade de suas histórias e experiências. O aumento da presença dessas vozes no panorama literário é, portanto, um ato de resistência e uma reivindicação de espaços antes negados.

Na obra *Escritos de uma Vida* (2019), Sueli Carneiro reúne reflexões, ensaios e relatos que abordam suas experiências pessoais e profissionais, bem como suas análises sobre a condição da mulher negra na sociedade brasileira. A autora discute temas como: identidade e ancestralidade enfatizando a importância de reconhecer a ancestralidade e como isso molda a identidade das mulheres negras; feminismo negro apresentando uma perspectiva crítica sobre o feminismo, abordando a necessidade de incluir as experiências das mulheres negras nas discussões mais amplas do movimento; resistência e empoderamento destacando como as mulheres negras têm se organizado e resistido à opressão, enfatizando a força e a resiliência dessas mulheres. Carneiro reflete sobre sua própria trajetória e as experiências que a levaram a se tornar uma figura central no ativismo feminista e na luta antirracista. Sua escrita é marcada por uma prosa poética e engajada, buscando não apenas informar, mas também inspirar e empoderar.

Sueli Carneiro é uma filósofa, escritora e ativista brasileira, reconhecida por sua luta em prol dos direitos das mulheres negras e pelo combate ao racismo e à desigualdade de gênero. Nascida em 1950, em São Paulo (SP), Carneiro tem uma longa trajetória de

ativismo social e acadêmico, sendo uma das vozes mais proeminentes no feminismo negro no Brasil. É fundadora do Geledés – Instituto da Mulher Negra, uma organização que busca promover a equidade de gênero e a justiça social para mulheres negras no Brasil. Seu trabalho abrange áreas como educação, cultura, e direitos humanos, e ela tem sido uma voz ativa em diversas discussões sobre a interseccionalidade entre raça, classe e gênero.

Carneiro discute no livro *Escritos de uma Vida* (2019) como a internet e as redes sociais têm sido ferramentas poderosas para a amplificação das vozes negras femininas, proporcionando um espaço para a troca de ideias, reflexões e lutas. “A internet abriu novas possibilidades para a circulação de nossas ideias, permitindo que as vozes negras femininas alcancem espaços antes inacessíveis” (Carneiro, 2019, p. 37). Isso tem possibilitado uma maior visibilidade para escritoras negras contemporâneas, facilitando a disseminação de suas obras e a construção de uma rede de resistência. A literatura contemporânea de autoras negras, portanto, não apenas resgata histórias apagadas, mas também cria novas formas de representação e emancipação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A emancipação das mulheres negras na literatura é um processo contínuo e desafiador, que envolve a desconstrução de estereótipos raciais e sexistas profundamente enraizados. A sua produção literária demonstra o poder da escrita como ferramenta de resistência e transformação social. Ao contar suas próprias histórias, essas autoras não apenas reivindicam seu lugar na literatura, mas também ajudam a construir um novo imaginário social, no qual as mulheres negras são vistas como protagonistas de suas próprias vidas.

A literatura tem desempenhado um relevante papel como meio de emancipação para as mulheres negras, oferecendo um espaço de resistência e autorrepresentação frente às opressões históricas de gênero e raça. Ao longo dos séculos, a mulher negra foi silenciada e relegada à invisibilidade social e cultural, tanto na história oficial quanto na produção literária hegemônica. No entanto, a partir do momento em que autoras negras começaram a escrever suas próprias narrativas, elas transformaram a literatura em uma ferramenta poderosa de luta por direitos, reconhecimento e dignidade. A escrita, nesse contexto, não se limita apenas à produção estética, mas assume um caráter político,

desafiando as estruturas opressoras do racismo e do patriarcado. Essas escritoras ressignificam suas vivências, denunciando a desigualdade social e a exclusão, ao mesmo tempo em que constroem uma literatura que não apenas dá voz às suas experiências, mas também inspira gerações de mulheres negras a se reconhecerem como agentes de sua própria história.

A importância da literatura como meio de emancipação reside em sua capacidade de transformar as relações de poder simbólico. Quando mulheres negras escrevem sobre suas realidades, elas contestam as representações tradicionais que as confinam a papéis subalternos, como a serva, a trabalhadora braçal ou o objeto de desejo. Essa nova literatura permite que elas se desloquem desses lugares marginalizados, criando novos horizontes de identidade e ação. Além disso, essas narrativas contribuem para a formação de uma consciência coletiva sobre as múltiplas opressões enfrentadas pelas mulheres negras e incentivam a construção de redes de solidariedade e resistência.

Diante da crescente produção literária por mulheres negras e de sua importância social, algumas futuras abordagens e pesquisas podem ampliar e aprofundar esse campo de estudo. Primeiramente, seria relevante investigar como as novas tecnologias e plataformas digitais, como blogs, redes sociais e publicações independentes, estão impactando a produção e disseminação da literatura de mulheres negras. A internet abriu novos caminhos para a visibilidade dessas autoras, permitindo que suas obras alcancem públicos que antes estariam fora de seu alcance, o que também transforma a dinâmica da recepção e do mercado editorial.

Outro ponto de pesquisa poderia focar na análise comparativa entre a literatura de mulheres negras no Brasil e em outros países da diáspora africana, como os Estados Unidos, Cuba e os países africanos lusófonos. Um estudo transnacional permitiria identificar conexões, divergências e pontos de resistência comum entre essas literaturas, enriquecendo a compreensão do impacto global da escrita de mulheres negras.

Também é pertinente investigar as intersecções entre a literatura de mulheres negras e outras artes, como o teatro, o cinema e as artes visuais. Muitos temas abordados na literatura afro-brasileira feminina, como a ancestralidade, o racismo e a resistência, estão sendo explorados em outras formas de arte, e a análise dessa convergência pode revelar novas dimensões sobre a representatividade e a emancipação das mulheres negras.

No teatro, a literatura de mulheres negras ganha vida através da performance e da presença corporal. Uma figura central nesse campo é a dramaturga e atriz brasileira Grace Passô, que explora em suas obras temas como negritude, pertencimento e identidade

feminina. O cinema é um espaço poderoso para amplificar as histórias narradas pela literatura de mulheres negras. Um exemplo significativo é o filme *Que Horas Ela Volta?* (2015), da cineasta Anna Muylaert, que embora seja dirigido por uma mulher branca, dialoga com a literatura negra ao expor a experiência de uma empregada doméstica negra e os desafios interseccionais que ela enfrenta. As artes visuais também têm sido um meio de representação das narrativas de mulheres negras, oferecendo uma linguagem estética que combina elementos literários e visuais para explorar identidade, memória e ancestralidade.

A artista plástica Rosana Paulino utiliza a colagem e a escultura para dialogar com a literatura de mulheres negras, explorando temas como a escravidão, o corpo feminino negro e as violências impostas ao longo da história. A literatura de mulheres negras também se funde com a música, criando uma estética multifacetada que atravessa diferentes formas de arte. O grupo Racionais MC's, por exemplo, em suas composições, dialogam diretamente com textos literários e as experiências das mulheres negras na periferia, ressoando temas presentes nas obras de Carolina Maria de Jesus, como exclusão e luta por sobrevivência. Performance e multimídia são outros campos onde a literatura de mulheres negras se encontra com outras expressões artísticas para criar novas narrativas e experiências estéticas um exemplo, a artista e performer Lia Rodrigues que trabalha com dança contemporânea para explorar a corporalidade e a identidade negra feminina em seus espetáculos, muitas vezes inspirando-se em textos e narrativas de escritoras como Sueli Carneiro.

Por fim, uma pesquisa mais aprofundada sobre a recepção crítica da literatura de autoras negras seria fundamental para entender como essa produção está sendo acolhida pelo campo acadêmico, pela crítica literária e pelo público em geral. Embora a presença de autoras negras esteja crescendo, muitas delas ainda enfrentam barreiras para serem incluídas nos cânones literários e nos currículos escolares, o que aponta para a necessidade de políticas afirmativas dentro do próprio campo da literatura.

Essas sugestões visam não apenas ampliar o conhecimento sobre a literatura de mulheres negras, mas também fomentar uma reflexão crítica sobre o papel transformador dessa produção cultural na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Narrativas Cosmopolitas: A Escritora Contemporânea na Aldeia Global. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n.32, Brasília, jul/dez de 2008.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. (2019). *Sobre Mulheres, Escrita e Resistência: Desafios Contemporâneos*. Interdisciplinar, São Cristovão, UFS, v.32, jul/dez.p.13-26, 2019.

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

ARRAES, Jarid. *Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis*. São Paulo: Pólen, 2017.

ARRUDA, Aline Alves. *Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: um Bildungsroman feminino e negro*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2007. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/ConceicaoCr07artigoaline.pdf>. Acesso em setembro de 2024.

CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma Vida*. São Paulo: Pólen, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. (2016). Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*. Vol.31, Número 1. Jan/abr 2016. p. 99-127.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. *University of Chicago Legal Forum*, 1989(1), 139-167, 1989.

DAVIS, Angela. *Women, Race, & Class*. New York: Vintage Books, 1982.

DIAS, Rafaela Kelsen. *Igual a todas, diferente de todas: A re-criação da categoria "mulher" em Insubmissas lágrimas de mulheres, de Conceição Evaristo*. 2015. 136 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2015. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/mestletras/Dissertacao%20Rafaela%20Kelsen%20versao%20final.pdf>. Acesso em: set. 2024.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Malê, 2005.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

GOMES, Elisângela Oliveira. *A escrita de Conceição Evaristo como possibilidade de um novo olhar para o sujeito feminino negro*. 2017. 136 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/4670/1/elisangelaoliveiragomes.pdf>. Acesso em: set. 2024.

hooks, bell. *Ain't I a Woman: Black Women and Feminism*. Boston: South End Press, 1981.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*. São Paulo: Ática, 1960.

LOPES, Michelly Cristina. O Abandono do Mito da Mãe Preta nas Obras de Conceição Evaristo. *Revista Tessituras*, Universidade Federal do Rio Grande, 2020. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/7777/6203>. Acesso em: set. 2024.

MAGALHÃES, Rosânia Alves. *A escrita feminina afrodescendente na obra de Conceição Evaristo*. 2014. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/11877/1/EscritaFemininaAfrodescendent_e.pdf. Acesso em: set. 2024.

MORRISON, Toni. *Amada*. Traduzido por Ana Maria Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MORRISON, Toni. *Sula*. Traduzido por José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

NASCIMENTO, Abdias. *O Genocídio do Negro Brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

PEREIRA, Jessé Souza. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

RIBEIRO, Djamila. *O Que é Lugar de Fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.

SCHMIDT, Rita Terezinha. *Escrevendo gênero, reescrevendo a nação: da teoria, da resistência, da brasilidade*. In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; BEZERRA, Kátia da Costa (orgs.). *Gênero e representação: teoria, história e crítica*. Coleção Mulher & Literatura. V. I. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2002.

SILVA, A. F. da (2018). Escritas de resistência: Carolina Maria de Jesus e a literatura marginal. *Revista Afro-Ásia*, 58, 31-47.

WALTER, Roland. Literatura comparada: diversidades, diferenças e fronteiras de identidades culturais. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. N. 7, 2005. p. 149-167.

Recebido em: 18/10/2024

Aceito em: 05/05/2025

Sandra Alves da Silva: Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Montes Claros (2012). Discente do programa de pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros. Formação pedagógica em Sociologia e Letras Português/Inglês pela faculdade IPEMIG (Instituto Pedagógico de Minas Gerais).

Osmar Pereira Oliva: Professor doutor em Letras Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros com pesquisas sobre Literatura de autoria feminina e sobre Literatura judaica.